

* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia marcoandrade@campus.ul.pt

Intervenções de Manuel de Mattos Silva no Megalitismo da área de Avis, 1: as Antas de São Martinho e Assobiador (Maranhão)

Marco António Andrade*

Resumo Este trabalho pretende ser o primeiro de uma série dedicada às intervenções arqueológicas de Manuel de Mattos Silva, juiz da comarca de Ponte de Sôr, em monumentos megalíticos na área do concelho de Avis, intervenções estas realizadas na última década do século XIX e que incluem, para além dos monumentos de São Martinho e Assobiador aqui estudados, os monumentos de Capela e Ordem 1 («Anta Grande»). Apresenta-se assim o estudo do espólio recolhido naqueles monumentos, enquadrados numa área periférica do núcleo megalítico registado na margem esquerda da Ribeira da Seda (Alto Alentejo, Portugal). Se o espólio da Anta de São Martinho, por escasso e trivial, não permite grandes considerações, o monumento de Assobiador permite outras leituras, nomeadamente a respeito da reutilização de monumentos megalíticos e da definição do designado «Horizonte da Ferradeira».

Abstract This paper intends to be the first of a series dedicated to the archaeological excavations of Manuel de Mattos Silva, district judge of Ponte de Sor, in megalithic monuments in the area of the municipality of Avis. These excavations were performed in the last decade of the 19th century and include, in addition to the monuments of São Martinho and Assobiador studied herein, the monuments of Capela and Ordem 1. Therefore, it is presented here the study of the artefacts collected in those monuments, framed in a peripheral area of the megalithic group registered on the left bank of Ribeira da Seda (North Alentejo, Portugal). If the artefacts from the dolmen of São Martinho, being scarce and trivial, do not allow major considerations, the data from the dolmen of Assobiador allow further readings, particularly regarding the reuse of megalithic monuments and the definition of the so-called «Ferradeira Horizon».

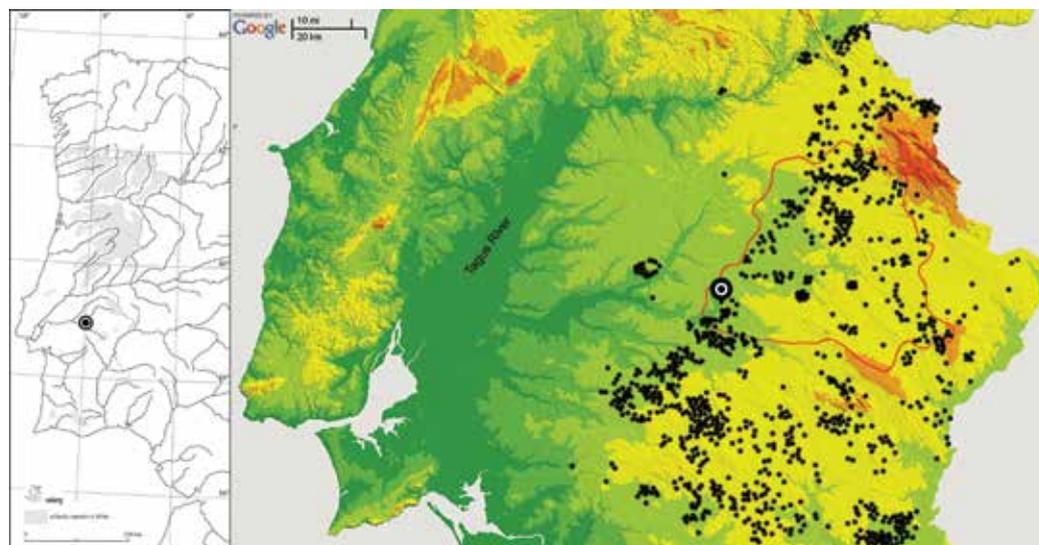


Fig. 1 – À esquerda, localização dos monumentos de São Martinho e Assobiador no Ocidente peninsular. À direita, localização dos monumentos de São Martinho e Assobiador no contexto do Megalitismo do Alto Alentejo e Alentejo Central; a bacia hidrográfica da Ribeira da Seda encontra-se indicada pela linha vermelha (base cartográfica: Google Maps, 2015).

1. Introdução

No âmbito da linha de investigação *GEOM-RS – As geometrias do território megalítico na margem esquerda da Ribeira da Seda*, fundamento da dissertação de Doutoramento em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/86232/2012), e na sequência natural do projeto de investigação *MEGAFRONT – Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande* (PNTA 2012–2015), foi assumida como igualmente importante (e de modo a estabelecer ângulos de análise absoluta) a definição crono-cultural dos monumentos megalíticos localizados na margem direita da Ribeira da Seda (na área imediata do seu vale), teoricamente enquadrados numa zona periférica do grupo megalítico registado na margem esquerda daquele curso de água (objeto dos trabalhos de investigação acima referidos).

Neste contexto, foram já dados à prensa alguns estudos dedicados a certos monumentos do Crato e Alter do Chão localizados na margem direita da Ribeira da Seda, nomeadamente os monumentos de Romeiras, Ferreirinha e Lameira (Gonçalves & Andrade, 2014; Andrade, 2013b).

Os monumentos intervencionados na última década do século XIX por Manuel de Mattos Silva na área do concelho de Avis (Silva, 1895a, 1895b, 1896), designadamente os monumentos de São Martinho, Assobiador e

Capela, enquadram-se neste âmbito específico de estudo. Este pretende ser o primeiro de uma série de títulos dedicados às intervenções do juiz da comarca de Ponte de Sôr nesta área municipal. O aglutinamento dos monumentos de São Martinho e Assobiador num mesmo título deve-se ao facto de, para além de apresentarem espólio relativamente escasso para justificar estudos individuais, se localizarem em áreas contíguas, podendo ser lidos como parte de um mesmo conjunto. Pretende-se que os títulos seguintes desta série tratem individualmente os monumentos da Capela e Ordem 1 («Anta Grande»), esta última já localizada na margem esquerda da Ribeira da Seda, na sua área terminal, perto da sua confluência com a Ribeira da Raia.

2. Localização e caracterização: a recuperação possível dos contextos de recolha

Os monumentos megalíticos de São Martinho e Assobiador localizam-se no concelho do Avis (distrito de Portalegre), freguesia de Maranhão, nas herdades de São Martinho e Assobiador. É referido que, no espaço destas duas propriedades contíguas, terão existido cerca de cinco monumentos megalíticos (Silva, 1896, p. 239), definindo assim, pelo menos a nível teórico, uma pequena necrópole da qual estes monumentos seriam parte constituinte.

Em relação ao monumento de São Martinho, poucos elementos existem que permitam cla-

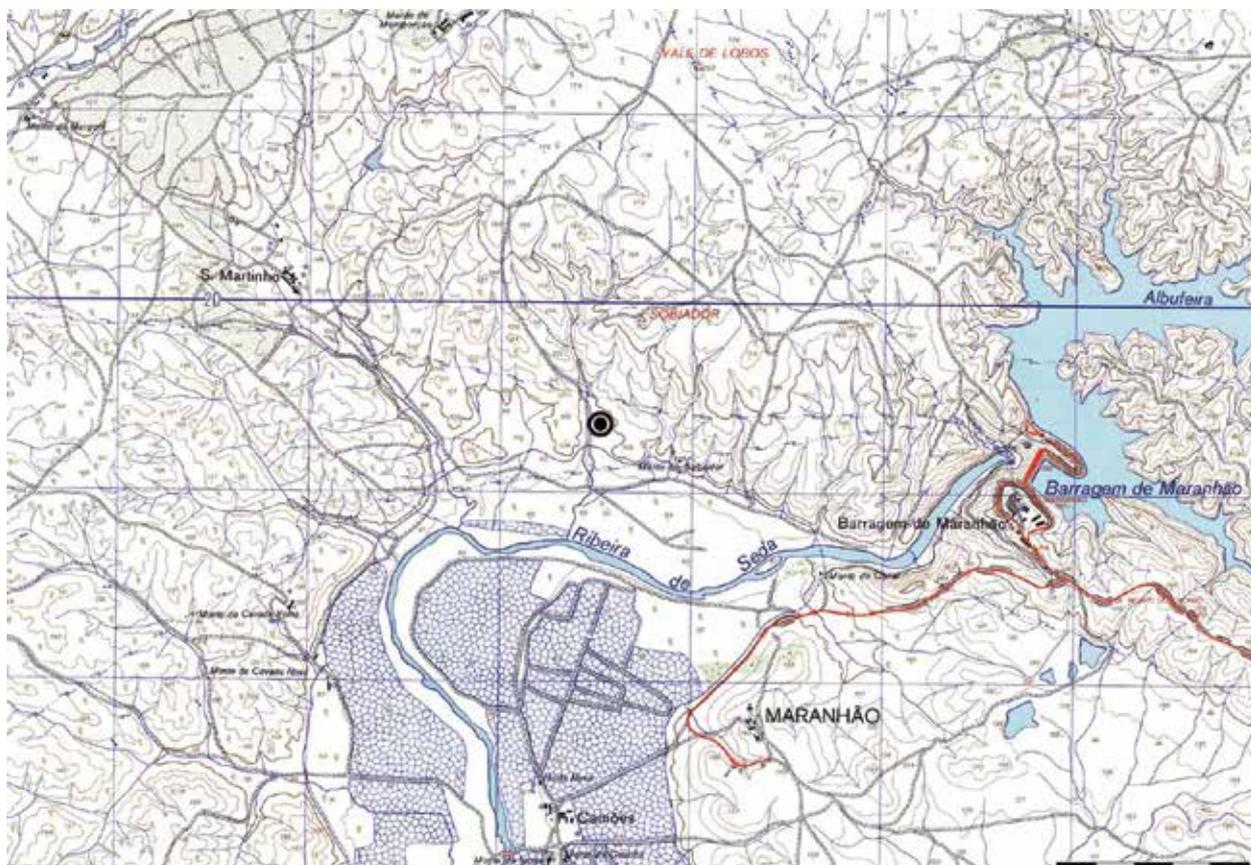


Fig. 2 – Localização da área das herdades de São Martinho e Assobiador (sem situação dos monumentos, por carência de elementos) na folha n.º 395 da Carta Militar de Portugal (esc. 1: 25 000). O ponto indica a situação de um monumento megalítico apontada por Carlos Ribeiro, podendo corresponder à Anta de Assobiador (Neto, 1976–1977, p. 104).

rificar a sua situação exata e tipologia. Ao contrário de Assobiador, Capela e Ordem 1, este monumento não foi merecedor de notícia n' *O Archeólogo Português*, talvez devido à relativa escassez de espólio recuperado. Sabe-se apenas que se localizaria na herdade de São Martinho, latifúndio situado na margem direita da Ribeira da Seda.

Assim, e sobre a sua escavação, é apenas referida, em epístola datada de 1 de dezembro de 1899 endereçada a José Leite de Vasconcellos (MNA 21273, seg. Serras & Carneiro, 2011), a intervenção em 1898 no monumento de São Martinho, correspondendo a uma pequena anta onde se recolheram dois machados, uma goiva e bastantes ossos humanos (entre os quais maxilares quase completos). Referenciados no Museu Nacional de Arqueologia com os números 12913–12920, foram apenas identificados um percutor de rocha sedimentar grosseira, três machados de pedra polida, fragmento de granito (sendo que o monumento se localizaria em contexto geológico de xistos silúricos), alguns fragmentos de xisto ardoso

(não correspondendo a fragmentos de placas de xisto gravadas) e «xisto jaspóide», metatarso de ovis (possivelmente recente), fragmentos de ossos longos humanos, fragmento muito deteriorado de crânio. Não foram contudo localizados os artefactos ou objetos MNA 12917 e 12920, podendo corresponder àqueles elementos em falta (goiva e maxilares).

A respeito deste monumento, referem G. e V. Leisner que se localizaria junto à herdade do Assobiador, não existindo detalhes precisos sobre a sua localização ou forma, informando que deveria estar já totalmente destruído, segundo informações recolhidas à altura em Avis (Leisner & Leisner, 1959, p. 78). É assim referenciado por G. e V. Leisner como São Martinho 7, dado a existência de outros seis monumentos situados numa outra herdade de São Martinho, localizada em Figueira e Barros (igualmente no concelho de Avis), já na margem esquerda da Ribeira da Seda (e em área de influência direta da Ribeira Grande). Por se ter confundido este monumento com algum daqueles compo

a necrópole de São Martinho de Figueira e Barros, o espólio recolhido neste monumento foi analisado como proveniente daquela necrópole em Andrade (2009), servindo então o presente texto para clarificar essa incorreção.

Contudo, juntamente com o espólio acima enunciado, encontram-se outros artefactos de pedra polida que não serão originários deste monumento. Um deles, o machado MNA 12858, é atribuído por G. e V. Leisner a algum dos monumentos da herdade de São Martinho de Figueira e Barros (Leisner & Leisner, 1959, p. 85; DGPC, Arquivo Leisner, Caixa 26, Capilha 12). Os restantes, seguindo numeração sequencial (MNA 12859, 12860 e 12866), poderão ter proveniência idêntica. Na mesma maneira, os conjuntos de artefactos de pedra polida das áreas de Benavila e Ervedal presentes no MNA apresentam números de registos próximos àqueles (nomeadamente, MNA 12850, 12851, 12853, 12854, 12856, 12857, 12861, 12862, 12863, 12864, 12865, 12868; cf. Andrade, 2014), podendo ter sido adquiridos pela mesma altura e na mesma área.

Em relação a Assobiador, é referido que se situaria «na herdade do Assobiador, margem esquerda da ribeira de Avis, a 15 kilometros pouco mais ou menos NO. d'esta villa» (Silva, 1896, p. 239). Esta localização absurda poderá tratar-se de uma confusão geográfica de Mattos Silva. Da mesma maneira que indica erradamente que o monumento se localizaria a cerca de 15 km NW de Avis (quando se localizaria a SW), poderá ter apontado erradamente a situação efetiva deste monumento em relação à Ribeira da Seda (tendo lido a sua posição de jusante para montante, e não de montante para jusante, como exige a convenção; da mesma maneira, refere este curso de água como *Ribeira de Avis*, que corresponde na verdade à Ribeira Grande). Seguindo estas indicações, G. e V. Leisner também posicionam o monumento na margem esquerda da Ribeira da Seda.

No entanto, um apontamento de Carlos Ribeiro datado de finais do século XIX indica a existência de um monumento megalítico a cerca de 600 m SSE do vértice geodésico «Sobiador» (a cerca de 470 m WNW do Monte do Assobiador), podendo corresponder a este monumento (Neto, 1976–1977, p. 104).

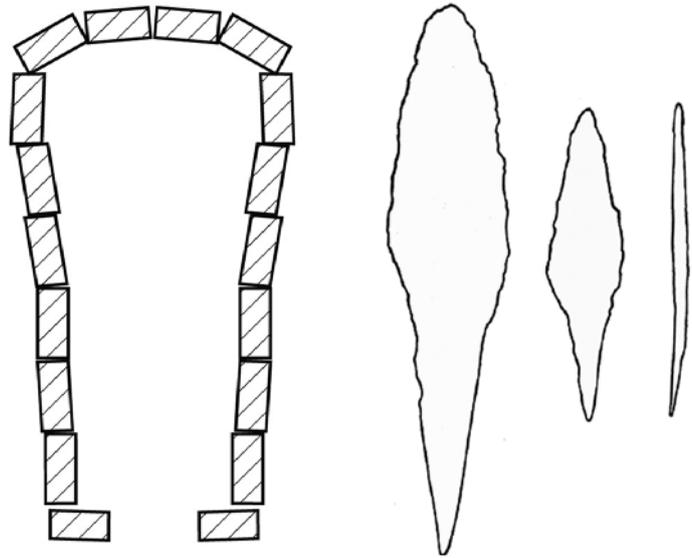


Fig. 3 – Reconstituição do monumento de Assobiador 2, de acordo com a descrição textual apresentada por M. de Mattos Silva (1896).

Outro ponto a esclarecer é que a Anta de Assobiador corresponde, não a um, mas a dois monumentos. Apesar de na pequena notícia publicada n' *O Archeólogo Português* o espólio ser tratado como parte de um mesmo conjunto (Silva, 1896), em epístola datada de 22 de Janeiro de 1893, endereçada a José Leite de Vasconcellos e escrita desde a herdade de São Martinho (MNA 21257, seg. Serras & Carneiro, 2011) é dito especificamente:

Fig. 4 – Os artefactos metálicos da Anta de Assobiador, segundo J. Leite de Vasconcellos (1908, p. 312).

São 3 horas da tarde e acabo de chegar d'uma exploração archeologica. A anta grande do Assobiador apenas deu uma faca incompleta. Depois de meia dúzia de cavadellas desisti das excavações, porque, depois de tirar uma pequena camada de terra, encontrei chão firme e indícios de estar muito próximo a base dos esteios.

É isto devido certamente a grande inclinação do terreno e por este motivo ter sido arrastado pelas aguas a terra das sepulturas com tudo o que ahí se achava. A grande altura dos esteios já me fazia prever que seria nulla ou insignificante a colheita.

Passei depois a uma outra anta pequena (igual aquellas que o meu ami.º não vio na nossa viagem a Cabeção) que foi indicada por um pastor e que fica perto da grande. Essa deu-me a insignificância de 11 bonitos machados, duas pontas de lança, de bronze, que me pare-

cem magnificas e um outro instrumento de bronze, cuja utilidade desconheço e que tem feitio de uma agulha grande. Alem d'esses deu-me um vaso de barro, que estava completamente partido e que tinha o triplo do tamanho do maior que colhemos nas nossas explorações de Setembro.

A terra estava completamente molhada e por isso não podia ser crivada; guardei-a para mais tarde fazer este serviço. É possível que depois apareçam mais exemplares.

Como se denota, trata-se de dois monumentos perfeitamente individualizáveis. No âmbito deste estudo, a «*anta grande*» de Assobiador será referida como Assobiador 1, e a «*anta pequena*» como Assobiador 2, de modo a melhor definir a proveniência do espólio e sua descrição.

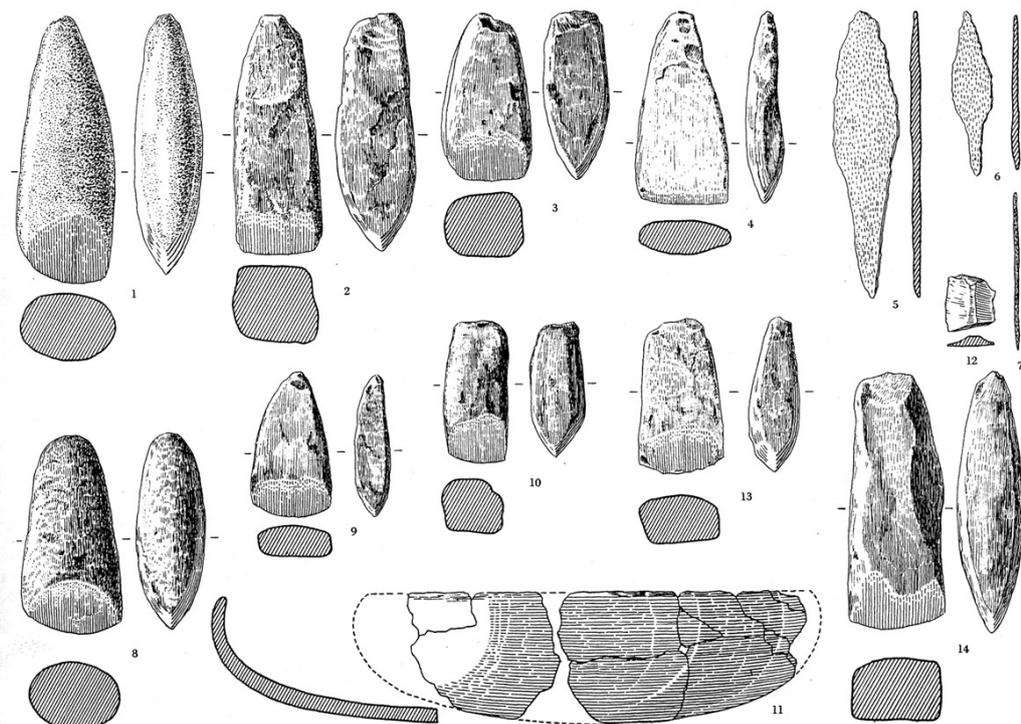
Na pequena notícia sobre este conjunto, e sem que se perceba se se trata de Assobiador 1 ou Assobiador 2 (mas referindo-se possivelmente a Assobiador 2), é dito o seguinte sobre o monumento:

Tem a fôrma de um quadrilongo, ao contrario das outras, que são do fei-

tio de palmatoria. Os seus esteios, de 0^m,50 de altura fóra da terra, a avaliar por um que entendo estar perfeitamente inteiro, eram seis de cada lado, norte e sul, quatro do poente e dois do nascente formando uma porta de entrada./ Não encontrei nella vestígios alguns de galeria, e nas proximidades não me foi possível descobrir o chapeu, nem parte d'elle. (Silva, 1896, p. 239).

Como bem notou Manuel de Mattos Silva, não se trataria de um monumento de Câmara e Corredor diferenciados (os tais com «*feitio de palmatória*»), sendo assim um monumento de certa forma estranho (muito embora se registem aqui outras variantes arquitetónicas) para o arquétipo tipológico conhecido na região (cf. Andrade, 2009). Poderá tratar-se, crendo na descrição de Manuel de Mattos Silva, de algo semelhante aos pequenos monumentos «proto-megalíticos» alongados registados por Manuel Heleno na área de Coruche-Montemor (como Azinhal 2, Casas de Baixo, Barrada, Casarões do Zambujeiro ou Deserto 16). Seja como for, é referido que o monumento foi destruído quase por completo pouco depois da sua escavação, pelo

Fig. 5 – O espólio do monumento de Assobiador, segundo Leisner & Leisner (1959, Taf. 15), excetuando os artefactos 13 e 14, de São Martinho.



que possivelmente nunca se poderá confirmar esta hipótese.

Em relação ao espólio aqui recolhido, é referido (em Silva, 1896) a recolha de um vaso incompleto, 10 machados (e não 11, como refere na epístola acima transcrita), 1 fragmento de lâmina de sílex escuro (que corresponderá à «*anta grande*»), conforme o mesmo texto), duas pontas de lança e um objeto alongado de cobre.

Em visita a Ponte de Sôr em junho de 1910, José Leite de Vasconcellos encaminha este espólio (juntamente com o da Capela e da Ordem 1, assim como de outros monumentos da área de Ponte de Sôr) para o seu Museu Etnológico, referindo especificamente, como atribuíveis a este monumento «*duas setas de cobre; uma haste de cobre, onze machados de pedra; uma taça de barro quasi inteira*» (Vasconcellos, 1910, p. 250). Os artefactos de cobre, pela sua excepcionalidade à época e o seu particular contexto de recolha, merecem ainda estudo individual (Vasconcellos, 1908).

G. e V. Leisner, em princípio (e como dito acima) seguindo as informações possivelmente equivocadas fornecidas por Manuel de Mattos Silva, localizam este monumento a 10 km a sudoeste de Avis, referindo que, apesar de o Monte do Assobiador se situar a 1,3 km N 20° W de Maranhão, o monumento situar-se-ia na margem esquerda da Ribeira da Seda, em terreno baldio coberto de mato (Leisner & Leisner, 1959, p. 77). Não terão contudo visitado o monumento (que já se encontraria destruído), oferecendo a descrição textual avançada por Manuel de Mattos Silva. Procedem igualmente à descrição do seguinte espólio: quatro machados de secção circular; cinco machados de secção retangular; um pequeno machado achatado; uma enxó; duas pontas e uma agulha de cobre (referindo que estariam equivocadamente incluídas nas coleções da Anta da Ordem no MNA, como se confirmou); fragmentos de

uma grande taça de bordo invertido; fragmento de lâmina de sílex (Leisner & Leisner, 1959, pp. 77–78).

3. Espólio arqueológico: descrições gerais

Apresenta-se, de seguida, a descrição e caracterização morfo-tipológica dos materiais arqueológicos componentes dos conjuntos das Antas de São Martinho e Assobiador. Para a descrição dos recipientes cerâmicos e artefactos de pedra polida, foram utilizados, adaptados à realidade em análise, os critérios descritivos atualmente em uso na UNIARQ (e apresentados, por exemplo, em Gonçalves, 1989, 2003a; Andrade, 2009).

3.1. Anta de São Martinho

O espólio recuperado neste monumento encontra-se representado por elementos compreendidos nas seguintes categorias: *Artefactos de pedra polida*, *Artefactos de pedra afeiçãoada*, *Espólio osteológico* e *Outros artefactos e objetos*.

Artefactos de pedra polida

Nesta categoria, contam-se 3 elementos — tratando-se exclusivamente de machados usando anfíbolito como suporte — referenciados com as designações MNA 12914, 12915 e 12916.

MNA 12914 refere-se a um machado de anfíbolito, de morfologia trapezoidal, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção sub-retangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 8,5 cm de comprimento; 4,5 cm de largura; 2,6 cm de espessura. Possui polimento total no gume, apresentando polimento sumário nas faces e bordos. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar

Quadro 1— Anta de São Martinho: morfologia genérica dos artefactos de pedra polida.

Ref.	MP	Tipo	Morfologia	Perfil	Secção	Gume	Comp.	Larg.	Esp.
12914	Anfíbolito	Machado	Trapezoidal	Biconvexo	Sub-retangular	Convexo	8,5	4,5	2,6
12915	Anfíbolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Sub-retangular	Convexo	14,1	4,8	3,4
12916	Anfíbolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Sub-retangular	Convexo	14,4	5,4	3,2

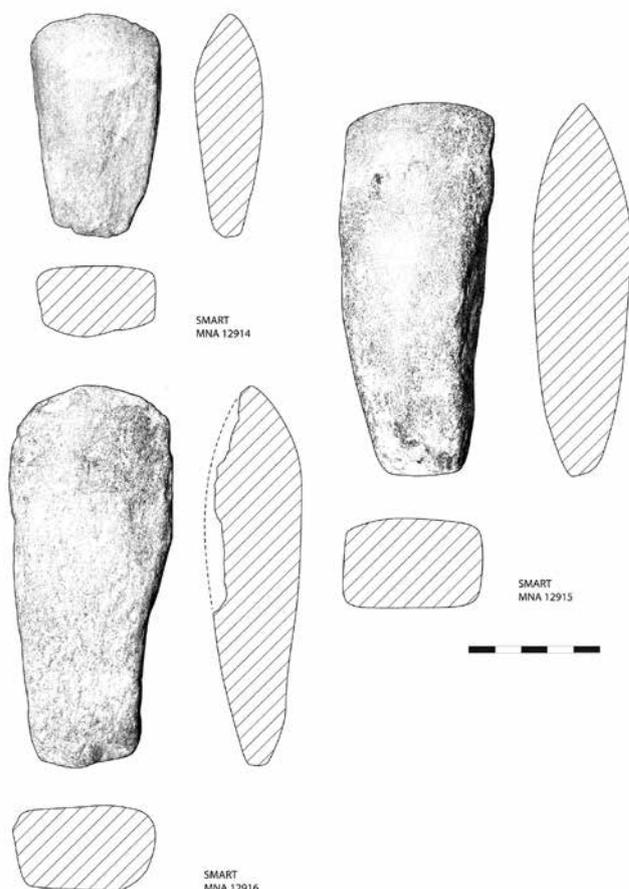


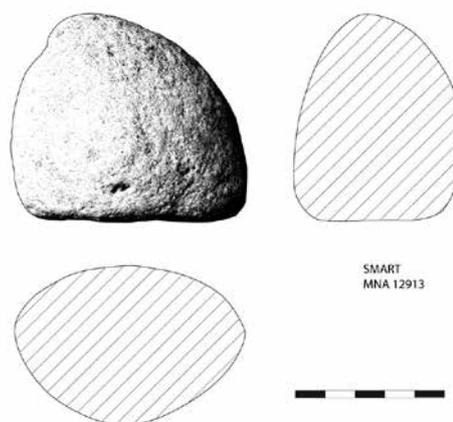
Fig. 6 – Artefactos de pedra polida da Anta de São Martinho: machados MNA 12914, 12915 e 12916.

Fig. 7 – Artefactos de pedra polida da Anta de São Martinho: machados MNA 12914, 12915 e 12916.

Fig. 8 – Percutor da Anta de São Martinho MNA 12913.

espesso, oferecendo um índice de 3,27. MNA 12915 refere-se a um machado de anfíbolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção sub-quadrangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,1 cm de comprimento; 4,8 cm de largura; 3,4 cm de espessura. Possui polimento total no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 4,15.

MNA 12916 refere-se a um machado de anfíbolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção sub-retangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,1 cm de comprimento; 4,8 cm de largura; 3,4 cm de espessura. Possui polimento total no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos. Encontra-se lascado no reverso desde a extremidade proximal até à área mesial. Trata-se, segundo o



Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 4,5.

Artefactos de pedra afeiçãoada

Nesta categoria conta-se um único elemento, referenciado como MNA 12913. Refere-se a um percutor sobre seixo de arenito ferruginoso grosseiro composto por grãos sub-rolados de quartzo de grande calibre. Apresenta contorno semicircular e secção elíptica, com «base» aplanada, oferecendo 7,1 cm de comprimento, 8 cm de espessura máxima e 5,4 cm de espessura.

Espólio osteológico

Referenciados com o número MNA 12919, encontram-se neste conjunto vários pequenos fragmentos de diáfise de fémures humanos e um fragmento muito deteriorado de calote craniana humana (não tendo sido localizados os tais maxilares referidos por Manuel de Mattos Silva). O seu estado fragmentado não permite grandes considerações.

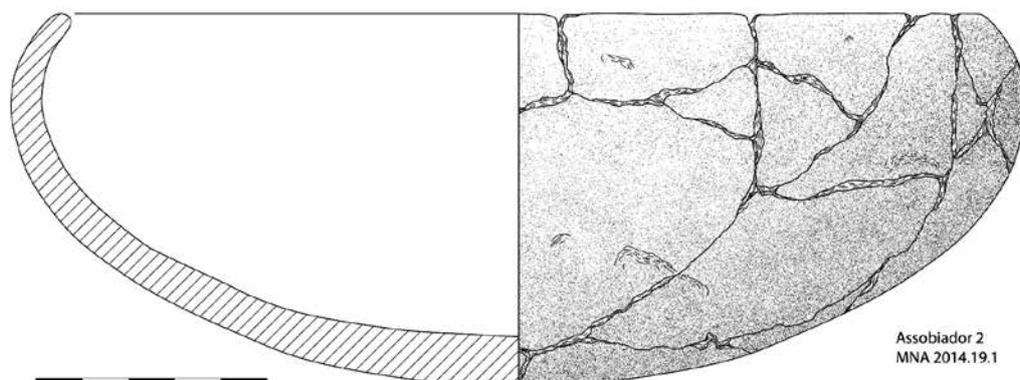


Fig. 9 – Recipiente cerâmico da Anta de Assobiador 2, MNA 2014.19.1.

Fig. 10 – Recipiente cerâmico da Anta de Assobiador 2, MNA 2014.19.1.

Está presente ainda um metatarso de ovis, aparentando (pelo seu estado de conservação) apresentar cronologia recente.

Outros artefactos e objetos

Nesta categoria contam-se vários objetos: um fragmento de granito (MNA 12918A), dois fragmentos de lajes de xisto ardoso sem trabalho (MNA 12918B e 12918C), um pequeno fragmento de xisto ardoso e uma «lasca» de «xisto jaspóide» (sem número individual, mas guardados juntamente com os últimos).

Não apresentam qualquer elemento de interesse. Com efeito, os elementos de xisto ardoso não aparentam ter sido objeto de qualquer tipo de trabalho, sendo apenas de destacar a presença «estranha» do fragmento de granito, dado o monumento se localizar em contexto de xistos silúricos rodeados por areias, arenitos e argilitos miocénicos, encontrando-se as mais próximas ocorrências de rochas granitoides a não menos de 8 km.

3.2. Antas de Assobiador

O espólio recuperado nestes monumentos encontra-se representado por elementos compreendidos nas seguintes categorias: *Recipientes cerâmicos*, *Artefactos de pedra lascada*, *Artefactos de pedra polida* e *Artefactos metálicos*.

Recipientes cerâmicos

Um único exemplar se enquadra nesta categoria, referindo-se a uma taça de bordo invertido (MNA 2014.19.1), com forma reconstituível, estando conservado, embora muito fragmentado, cerca de 1/2 da peça. É proveniente de Assobiador 2.



Regista 20,6 cm de diâmetro externo, 20 cm de diâmetro interno e 22,8 cm de diâmetro do bojo. Regista 8,6 cm de altura e 7,5 cm de profundidade, tendo 0,5 cm de largura do bordo (sendo este de perfil arredondado), 0,8 cm de espessura do bojo e 1,1 cm de espessura do fundo. Oferece um índice de abertura ($\text{diâmetro externo} \times 100 / \text{diâmetro do bojo}$) de cerca de 90,35 (referindo-se assim a uma forma fechada) e um índice de profundidade ($\text{altura} \times 100 / \text{diâmetro externo}$) de cerca de 239,53.

Apresenta pasta semcompacta, pouco homogênea, de cozedura oxidante e arrefecimento parcialmente redutor com abundantes elementos não plásticos de fino a médio calibre. Estes constituem-se por grãos angulosos de quartzo, feldspatos, moscovite, escassa hematite, alguns componentes orgânicos vegetais e animais carbonizados durante a

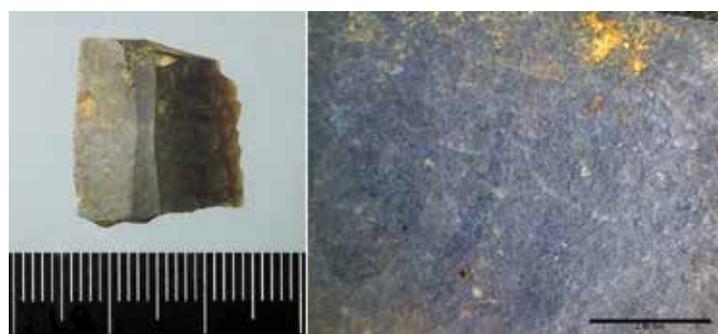
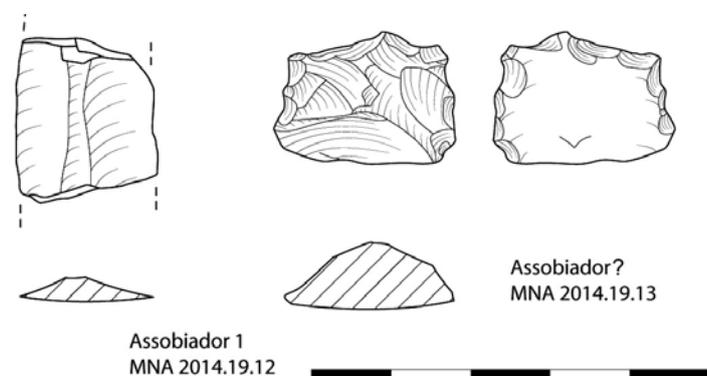


Fig. 11 – Artefactos de pedra lascada da Anta de Assobiador 1: lâmina MNA 2014.19.12 e denticulado MNA 2014.19.13.

Fig. 12 – Lâmina MNA 2014.19.12, apresentando-se à direita o aspeto microscópico (x50) do sílex utilizado na sua produção, notando-se a presença de escassos óxidos de ferro.

cozedura e pequenos nódulos de argila consolidada (chamota?). As suas superfícies são alisadas, conservando alguns vestígios de possível aguada vermelha.

Artefactos de pedra lascada

Nesta categoria, conta-se com um único elemento, referindo-se a um pequeno fragmento mesial de lâmina de sílex não retocada (MNA 2014.19.12, número antigo: MNA 12911b). É proveniente de Assobiador 1, estando atribuída a São Martinho nas notas de inventário do MNA (situação já corrigida). Juntamente com este elemento, e também atribuída a São Martinho, encontrava-se uma pequena lasca denticulada de sílex (MNA 2014.19.13, número antigo: MNA 12911a) — dado não se encontrar qualquer referência à sua proveniência exata, para além de apresentar uma certa pátina que a poderá fazer corresponder a etapas cronológicas mais recuadas, não se incluiu a sua análise neste estudo.

MNA 2014.19.12 refere-se assim a um fragmento mesial de lâmina de sílex não retocada, correspondendo a um exemplar de fase plena de debitage, obtida aparentemente por pressão. O talão e o bolbo, por fractura da peça, são indetermináveis. A

secção é trapezoidal, apresentando bordos e nervuras (2) paralelos, com perfil direito. Oferece comprimento indeterminado, com uma largura média de 1,7 cm e uma espessura média de 0,4 cm. Apresenta aparentes fracturas térmicas (*crazing* e *potlid*).

O sílex apresenta tonalidade negra-acastanhada, com alguns pequenos e escassos zonamentos pontilhados avermelhados (óxidos de ferro), sendo semitranslúcido. Oferece boa qualidade de talhe, sendo de grão fino, com textura *mudstone*, aproximando-se das características macroscópicas observadas em sílices de contextos cenomanianos.

Artefactos de pedra polida

Nesta categoria, contam-se 11 elementos — nove machados e duas enxós usando anfíbolo e basalto filoniano alterado como suporte — referenciados com as designações MNA 2014.19.2 a 11. São provenientes de Assobiador 2.

MNA 2014.19.2 corresponde a uma enxó de basalto filoniano alterado, de morfologia trapezoidal, perfil aplanado, bordos divergentes e secção sub-retangular abatida. Apresenta gume convexo assimétrico, em duplo bisel assimétrico. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 10,3 cm de comprimento; 4,9 cm de largura; 1,8 cm de espessura. Possui polimento total no gume, faces e bordos, conservando ainda alguns negativos da lascagem de conformação. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 5,72.

MNA 2014.19.3 refere-se igualmente a uma enxó de anfíbolo, de morfologia trapezoidal, perfil aplanado, bordos divergentes e secção sub-retangular abatida. Apresenta gume convexo, em duplo bisel assimétrico. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 7,7 cm de comprimento; 4 cm de largura; 1,8 cm de espessura. Possui polimento total no gume, faces e bordos. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 4,28.

MNA 2014.19.4 corresponde a um machado de anfíbolo, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos paralelos e secção sub-quadrangular. Apresenta gume rectilíneo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num

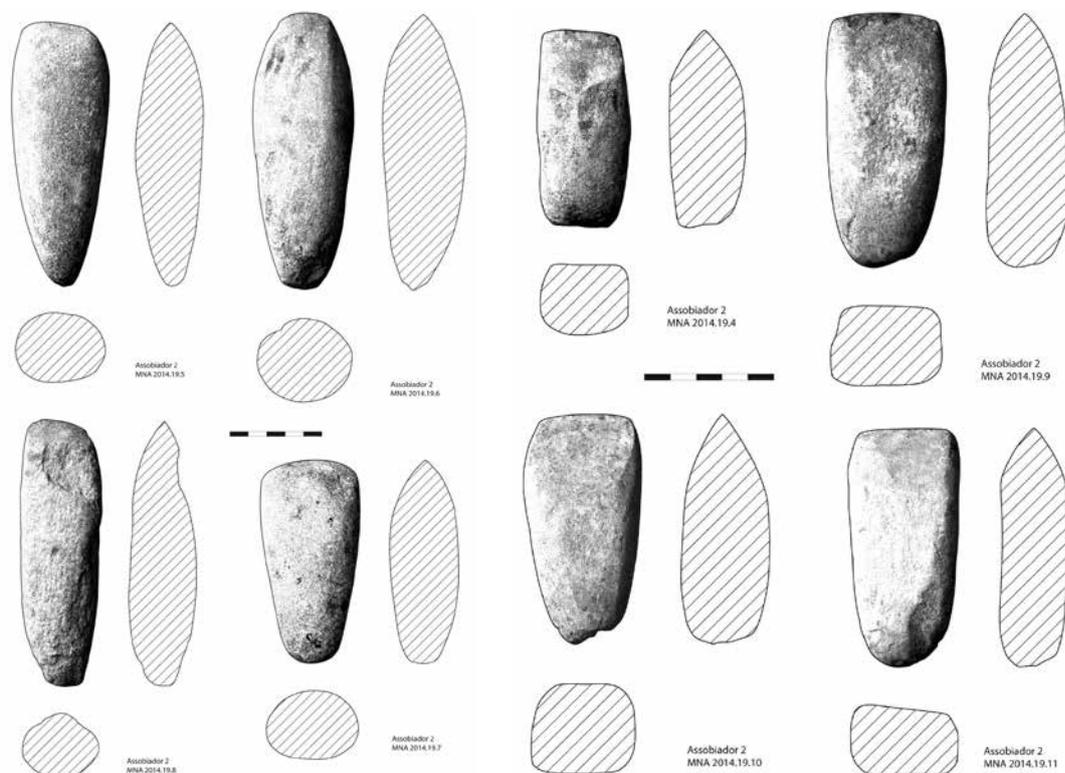


Fig. 13 – Artefactos de pedra polida da Anta de Assobiador 2: machados MNA 2014.19.5, 2014.19.6, 2014.19.8 e 2014.19.7.

Fig. 14 – Artefactos de pedra polida da Anta de Assobiador 2: machados MNA 2014.19.4, 2014.19.9, 2014.19.10 e 2014.19.11.

ponto médio, são: 7,6 cm de comprimento; 3,3 cm de largura; 2,7 cm de espessura. Possui polimento total no gume, apresentando polimento sumário nas faces. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 2,81.

MNA 2014.19.5 refere-se a um machado de anfíbolito, de morfologia trapezoidal, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção elíptica. Apresenta gume convexo assimétrico, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,2 cm de comprimento; 4,7 cm de largura; 3,8 cm de espessura. Possui polimento sumário sobre picotado, sendo mais denso na área do gume. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 3,74.

MNA 2014.19.6 corresponde a um machado de anfíbolito, de morfologia rombóide, perfil biconvexo, bordos convexos e secção circular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,7 cm de comprimento; 4,9 cm de largura; 4,5 cm de espessura. Possui polimento sumário nas faces sobre picotado, sendo mais denso no gume. Trata-se, segundo o Índice de

Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 3,27.

MNA 2014.19.7 trata-se de um machado de anfíbolito, de morfologia trapezoidal, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção elíptica. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 10,9 cm de comprimento; 5 cm de largura; 3,8 cm de espessura. Possui polimento total no gume, apresentando polimento sumário nas faces e bordos, sobre picotado. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 2,87.

MNA 2014.19.8 corresponde a um machado de anfíbolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos paralelos e secção elíptica irregular. Apresenta gume convexo assimétrico, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,3 cm de comprimento; 4,1 cm de largura; 3,5 cm de espessura. Possui polimento apenas no gume. Apresenta, numa das faces, um ressalto pronunciado resultante da lascagem de conformação mais intrusiva, não sendo resultante de efeitos pós-deposicionais. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exem-

Fig. 15 – Artefactos de pedra polida da Anta de Assobiador 2: machado MNA s.n.1 (adaptado de Leisner & Leisner, 1959, Taf. 15), enxós 2014.19.3 e 2014.19.2.

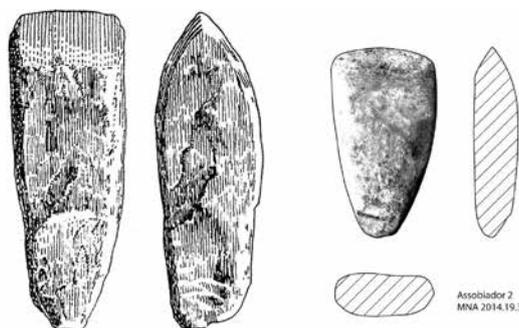
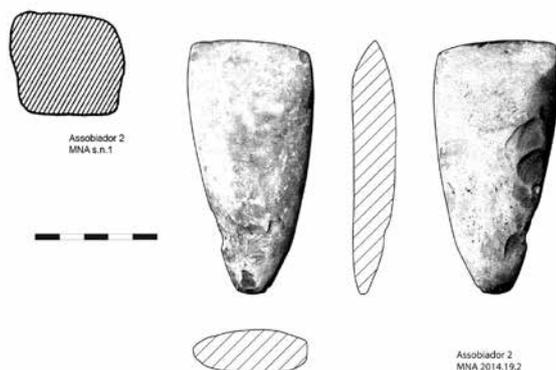


Fig. 16 – Artefactos de pedra polida da Anta de Assobiador 2. Os dois últimos exemplares das duas últimas filas correspondem a enxós.



plar médio, oferecendo um índice de 4,08. MNA 2014.19.9 refere-se a um machado de anfibolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos sensivelmente paralelos e secção sub-retangular. Apresenta gume retilíneo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 9,8 cm de comprimento; 4,3 cm de largura; 3,1 cm de espessura. Possui polimento total, mais denso na área do gume. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 3,16.

MNA 2014.19.10 corresponde a um machado de anfibolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos sensivelmente paralelos e secção subquadrangular. Apre-

senta gume retilíneo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 9 cm de comprimento; 4,1 cm de largura; 3,5 cm de espessura. Possui polimento total no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 2,57.

MNA 2014.19.11 refere-se a um machado de anfibolito, de morfologia retangular, perfil biconvexo, bordos sensivelmente paralelos e secção sub-retangular. Apresenta gume retilíneo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 9,3 cm de comprimento; 4,2 cm de largura; 2,7 cm de espes-

Quadro 2 – Anta 2 de Assobiador: morfologia dos artefactos de pedra polida.

Ref.	MP	Tipo	Morfologia	Perfil	Secção	Gume	Comp.	Larg.	Esp.
2014.19.2	BFA	Enxó	Trapezoidal	Aplanado	Sub-retangular	Convexo assimétrico	10,3	4,9	1,8
2014.19.3	Anfibolito	Enxó	Trapezoidal	Aplanado	Sub-retangular	Convexo	7,7	4	1,8
2014.19.4	Anfibolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Subquadrangular	Retilíneo	7,6	3,3	2,7
2014.19.5	Anfibolito	Machado	Trapezoidal	Biconvexo	Elíptica	Convexo assimétrico	14,2	4,7	3,8
2014.19.6	Anfibolito	Machado	Rombóide	Biconvexo	Circular	Convexo	14,7	4,9	4,5
2014.19.7	Anfibolito	Machado	Trapezoidal	Biconvexo	Elíptica	Convexo	10,9	5	3,8
2014.19.8	Anfibolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Elíptica	Convexo assimétrico	14,3	4,1	3,5
2014.19.9	Anfibolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Sub-retangular	Retilíneo	9,8	4,3	3,1
2014.19.10	Anfibolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Subquadrangular	Retilíneo	9	4,1	3,5
2014.19.11	Anfibolito	Machado	Retangular	Biconvexo	Sub-retangular	Retilíneo	9,3	4,2	2,7
s.n.1	Anfibolito	Machado	Trapexoidal	Biconvexo	Subquadrangular	Retilíneo	13,2	4,8	4,2

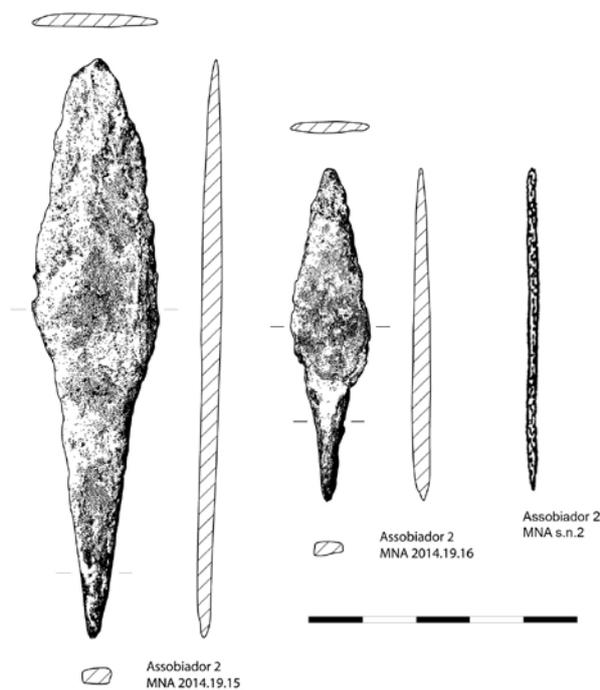


Fig. 17 – Artefactos metálicos da Anta de Assobiador 2: pontas de cobre MNA 2014.19.15 e 2014.19.16, estilete de cobre MNA s.n.2 (este último adaptado de Leisner & Leisner, 1959, Taf. 15)

Fig. 18 – Artefactos metálicos da Anta de Assobiador 2: pontas de cobre MNA 2014.19.15 e 2014.19.16.

sura. Possui polimento total, mais denso na área do gume. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 3,44.

A peça MNA s.n.1 não foi localizada nas reservas do MNA, sendo assim referenciada (s.n.1) neste estudo e tendo-se recorrido aos desenhos e fotografias de G. e V. Leisner para a sua descrição (DGPC, Arquivo Leisner). Corresponde a um machado de anfibólito, de morfologia sensivelmente trapezoidal, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção subquadrangular. Apresenta gume retilíneo, em duplo bisel. As suas dimensões são: cerca de 13,2 cm de comprimento; 4,8 cm de largura; 4,2 cm de espessura. Trata-se, segundo o índice de Espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, oferecendo um índice de 3,14.

Artefactos metálicos

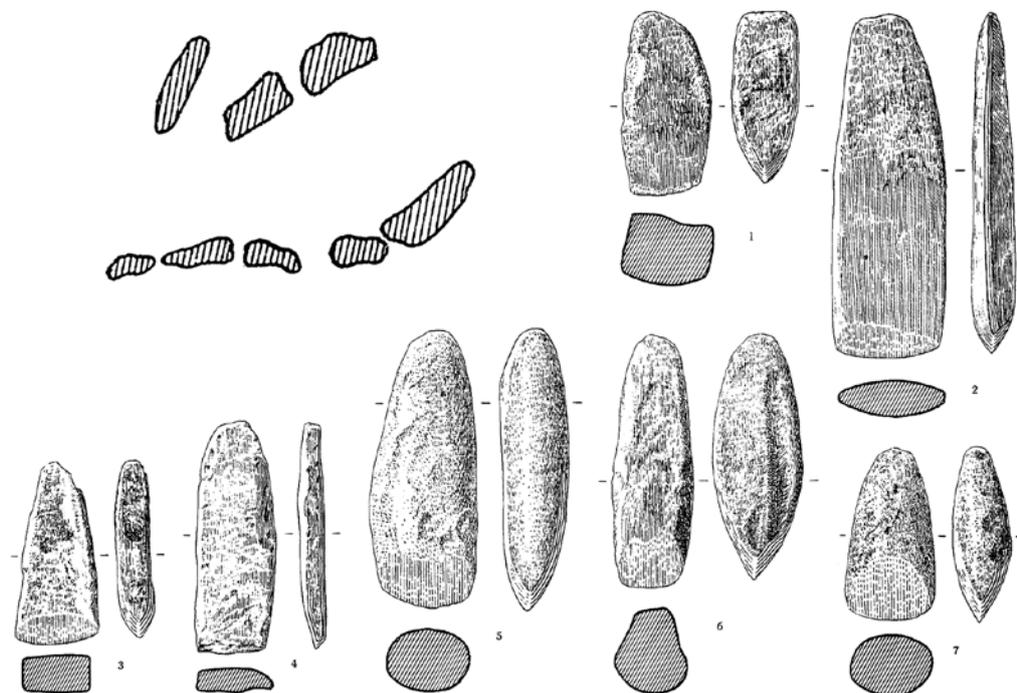
Nesta categoria contam-se três exemplares, referindo-se a duas pontas de seta de cobre (MNA 2014.19.15 e 16) e um estilete igualmente de cobre (MNA s.n.2). São provenientes de Assobiador 2.

MNA 2014.19.15 refere-se a uma ponta de cobre de folha subtriangular estreita e pedúnculo alongado, com 10,9 cm de com-

primento e uma largura máxima de 2,4 cm. O pedúnculo apresenta secção retangular, com uma largura (na área mesial) de 0,3 cm. As análises espectrográficas realizadas por S. Junghans, E. Sangmeister e M. Schröder (1960, 1968) indicaram um teor de cerca de 2,70% de arsénio na composição metálica desta peça.

MNA 2014.19.16 refere-se igualmente a uma ponta de cobre de folha subtriangular estreita e pedúnculo alongado, com 6,3 cm de comprimento e uma largura máxima de 1,5 cm. O pedúnculo apresenta secção retangular, com uma largura (na área mesial) de 0,3 cm. As análises espectrográficas realizadas por S. Junghans, E. Sangmeister e M. Schröder (1960, 1968) indicaram um teor de cerca de 5,60% de arsénio e 0,01% de estanho na composição metálica desta peça. O estilete de cobre recolhido na Anta de Assobiador 2 não foi localizado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, tendo assim sido referenciado neste estudo como MNA s.n.2. As principais medidas de referência foram obtidas sobre o desenho e fotografia de G. e V. Leisner (DGPC, Arquivo Leisner). Apresenta assim cerca de 6 cm de comprimento, para uma largura média de cerca de 0,3 cm (não sendo qualquer outra legível ou mensurável qualquer outra característica).

Fig. 19 – Planta e espólio da Anta de Entreáguas 5, paralelizável com Assobiador 2 (adaptado de Leisner & Leisner, 1959, Taf. 24).



4. Comentários finais: as Antas de São Martinho e Assobiador no contexto do Megalitismo da área da Ribeira da Seda

O principal ponto de interesse dos monumentos de São Martinho e Assobiador é precisamente a sua localização. Com efeito, incluir-se-iam num núcleo composto por cerca de cinco monumentos (segundo Silva, 1896, p. 239) e localizar-se-iam na margem direita da Ribeira da Seda, em contextos geológicos genéricos de depósitos miocénicos mas onde se encontram algumas manchas de xistos silúricos. Afastam-se assim dos principais núcleos megalíticos da área da Ribeira da Seda, concentrados principalmente na sua margem esquerda (Andrade, 2009, 2011, 2013a), sendo que na margem direita se regista um número pouco significativo de monumentos, mas ainda assim de características assaz interessantes, como os conjuntos de Rui Vaz, Enxara, Morenos e Colos (Ribeiro, 2014), para além do espantoso monumento da Capela...

De resto, se as Antas de São Martinho e Assobiador 1 não suscitam grandes motivos de comentário (mesmo no contexto estrito do Megalitismo da área da Ribeira da Seda), devido tanto à escassez de espólio como ao desconhecimento das características arquitetónicas dos monumentos, a Anta de Assobiador 2 merece algumas considerações. Em primeiro

lugar, salienta-se o carácter aparentemente «arcaico» do contexto (a nível arquitetónico e artefactual); em segundo lugar, destaca-se o episódio tardio de reutilização do espaço funerário.

Com efeito, segundo a descrição de Manuel de Mattos Silva (1896, p. 239), tratar-se-ia de um pequeno monumento alongado, de planta sensivelmente retangular, talvez semelhantes aos escavados por Manuel Heleno na área de Coruche/Montemor, nomeadamente, os pequenos monumentos «proto-megalíticos» alongados de Azinhal 2, Casas de Baixo, Barrada, Casarões do Zambujeiro ou Deserto 16. Nestes monumentos, a cerâmica é praticamente inexistente (ou reduzida a escassos fragmentos), sendo os mobiliários votivos basicamente constituídos por artefactos de pedra polida (machados e enxós), geométricos e algumas lâminas ou pequenas lâminas (cf. Rocha, 2005), indicando desta maneira potenciais episódios de utilização genericamente reportáveis a meados do IV milénio a.n.e.

Assim, em relação aos tempos de uso registados na Anta de Assobiador 2, e de acordo com as características tecno-tipológicas do espólio recolhido, dois momentos de utilização são claramente distinguíveis. O mobiliário votivo é assim composto por nove machados, duas enxós, um recipiente cerâmico, duas pontas e um estilete de cobre.

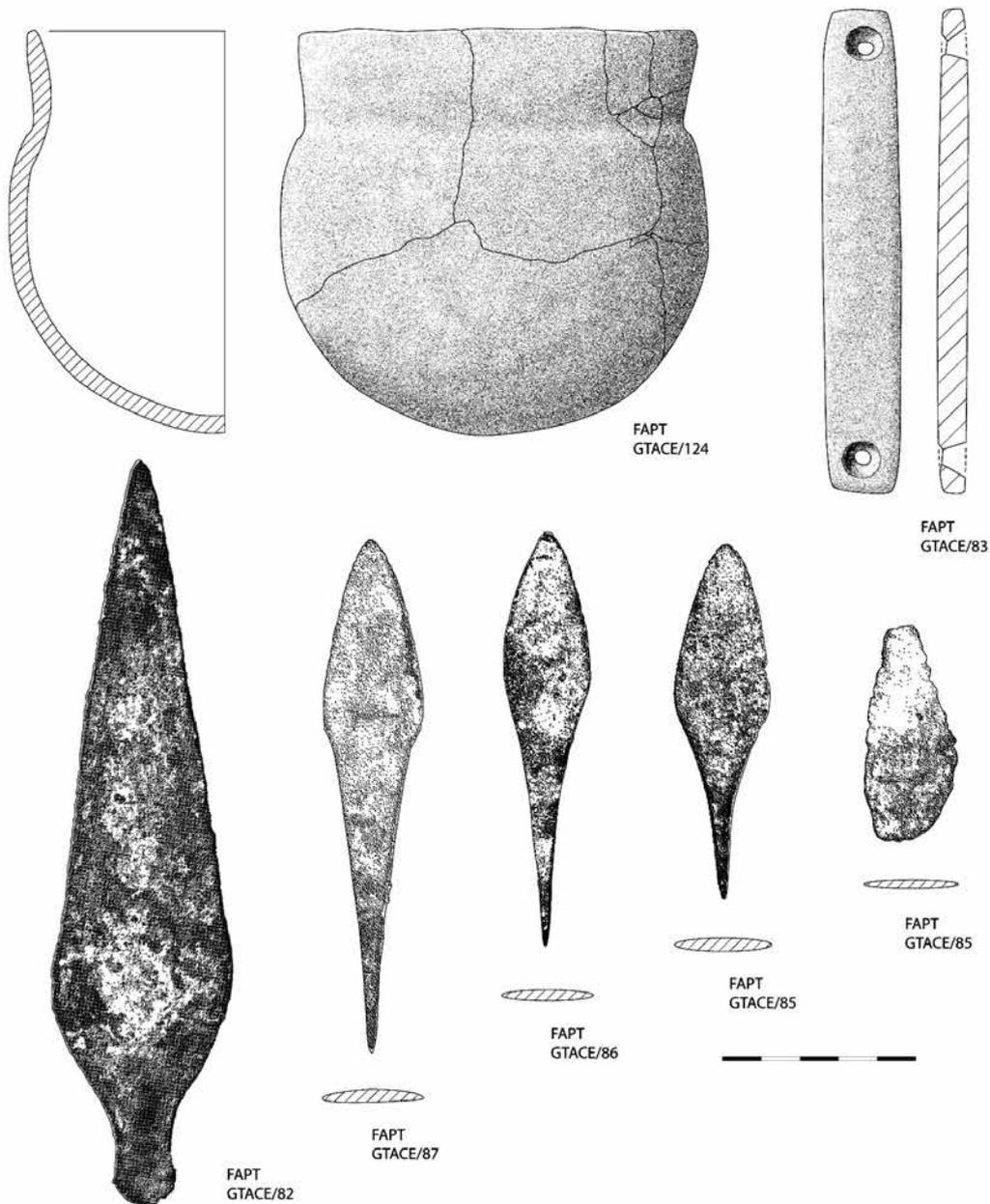


Fig. 20 – Exemplos da reutilização de monumentos megalíticos na área em estudo durante o Calcolítico Final/ Bronze Inicial: vaso de ombro, braçal de arqueiro, punhal de lingueta e pontas de cobre da área do Ervedal (possivelmente, de Torre do Ervedal 3).

Teríamos assim um primeiro conjunto composto pelos artefactos de pedra polida e um segundo conjunto composto pelos artefactos metálicos. Não é claro a qual dos conjuntos pertence o recipiente cerâmico, não possuindo qualquer elemento distintivo que permita a sua atribuição cronológica precisa (tratando-se, como visto acima, de uma taça lisa de bordo invertido, com alguns vestígios de engobe vermelho).

Atendendo às características arquitetónicas apontadas por Manuel de Mattos Silva para Assobiador 2, e tendo em conta outros exemplos semelhantes (como os já referidos casos

de Azinhal 2, Casas de Baixo, Barrada, Casarões do Zambujeiro ou Deserto 16, sendo igualmente de referir os casos relativamente próximos de Entreáguas 5 e São Miguel), os conjuntos votivos não incluem recipientes cerâmicos, sendo exclusivamente compostos por artefactos de pedra polida morfologicamente semelhantes aos de Assobiador 2. Da mesma maneira, devemos lembrar o caso da deposição Cm-3 da Anta de Santa Margarida 3, em que o recipiente cerâmico que a acompanhava se referia a uma taça em calote simples, sem qualquer elemento distintivo, colocando-a, no entanto, a datação de radio-

Fig. 21 – Exemplos da reutilização de monumentos megalíticos na área em estudo durante o Calcolítico Final/Bronze Inicial: lâmina de cobre e taças carenadas de Ordem 1 (“Anta Grande”).

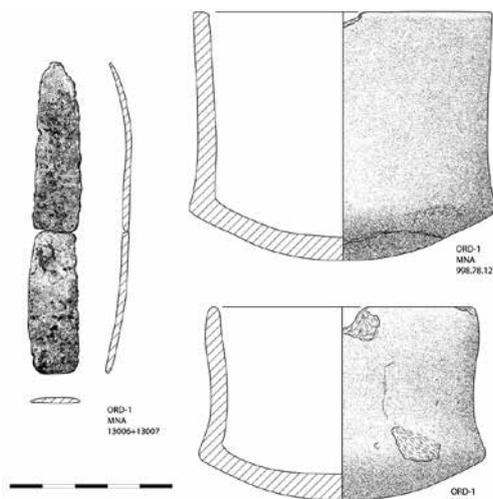
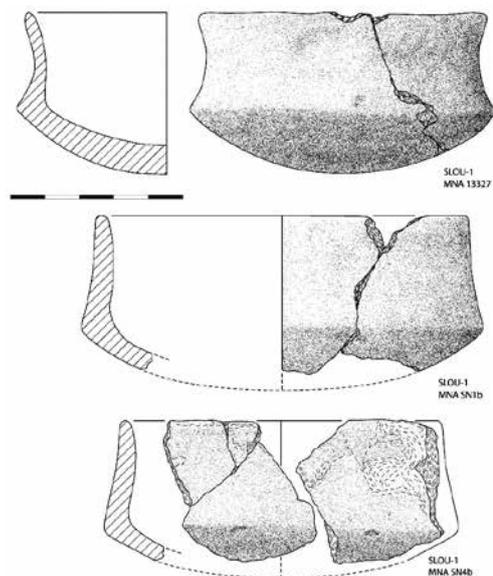


Fig. 22 – Exemplos da reutilização de monumentos megalíticos na área em estudo durante o Bronze Inicial: taças carenadas de São Lourenço 1, de superfícies intensamente polidas (quase brunidas).



carbono direta em finais do III milénio a.n.e. (Gonçalves, 2003a).

Teríamos assim: uma primeira utilização do monumento (correspondendo à sua construção e utilização original), cujo mobiliário votivo se comporia exclusivamente por artefactos de pedra polida (inumações não individuais, mas possivelmente monofamiliares, a julgar pelo número de artefactos depositados), enquadrada em meados do IV milénio a.n.e.; uma reutilização de uma estrutura pré-existente, em finais do III milénio a.n.e. (ou inícios do seguinte), cujo mobiliário votivo se comporia por um recipiente cerâmico, duas pontas de cobre e um estilete de igual matéria.

Para o primeiro momento, e especificamente na área da Ribeira da Seda, os paralelos directos reportam-se principalmente (e como dito) ao monumento de Entreáguas 5, um pequeno monumento «proto-megalítico» alongado com espólio votivo composto por sete artefactos de pedra polida (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 24). Quanto ao segundo momento, são sobejamente conhecidas as reutilizações de monumentos megalíticos no Alto Alentejo e Alentejo Central. Estas reutilizações realizam-se principalmente em finais do Calcolítico (com ou sem campaniforme), destacando-se os casos de Cabeço da Anta, Casas do Canal 1, Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Outeirões 2, São Rafael 2, Barrocal 2, Torre das Arcas, Godinhos, Bencafede, Cabacinheiros, Vidigueiras 1, Vale Carneiro 1, Olival da Pega 2, Cebolinhos 2 ou Santa Margarida 3 (Leisner & Leisner, 1951, 1955, 1959; Bubner, 1979; Gonçalves, 1999, 2003a, 2003b; Cardoso & Norton, 2004;

Rocha, 2005; Mataloto, 2006, 2007; Mataloto & alii, 2015; Valera & Rabuge, 2011; Boaventura & alii, no prelo). São igualmente conhecidas reutilizações já da primeira metade do II milénio a.n.e., do Bronze Inicial e Pleno, como em Bola da Cera, Condes 2, Cabeçuda, Castelhanas, São Gens 2, Caladinho, Herdade das Casas, Duque 1 ou Gorginos 2 (Leisner & Leisner, 1951; Pina, 1971; Oliveira, 1998; Mataloto, 2005, 2007; Mataloto & Rocha, 2007; Rocha & Alvim, 2015).

Na área específica da Ribeira da Seda estas reutilizações de espaços funerários também não são desconhecidas, tendo sido identificadas possivelmente em Torre do Ervedal 3 (assumindo ser daqui proveniente o conjunto da Fundação Paes Telles, já apresentado em Mataloto, 2006), Ordem 1 e São Lourenço 1, sendo deposições tanto atribuíveis a finais do Calcolítico como à Idade do Bronze, incluindo igualmente pontas metálicas, como em Assobiador 2.

E refletem-se estas reutilizações de monumentos megalíticos num esquema de povoamento coevo? Se para o Calcolítico Final a questão não está muito bem esclarecida, para o Bronze Inicial/Pleno ainda o está menos. Tendo em conta os dados disponíveis actualmente, apenas poderemos referir ocupações relativas à primeira etapa cronológica mencionada, e na área específica de influência da Ribeira da Seda, nos sítios de Pombal e Cabeça de Vaia-monte, no primeiro evidente pela recolha de cerâmicas campaniformes de estilo tardio, no segundo pela recolha de uma ponta de tipo

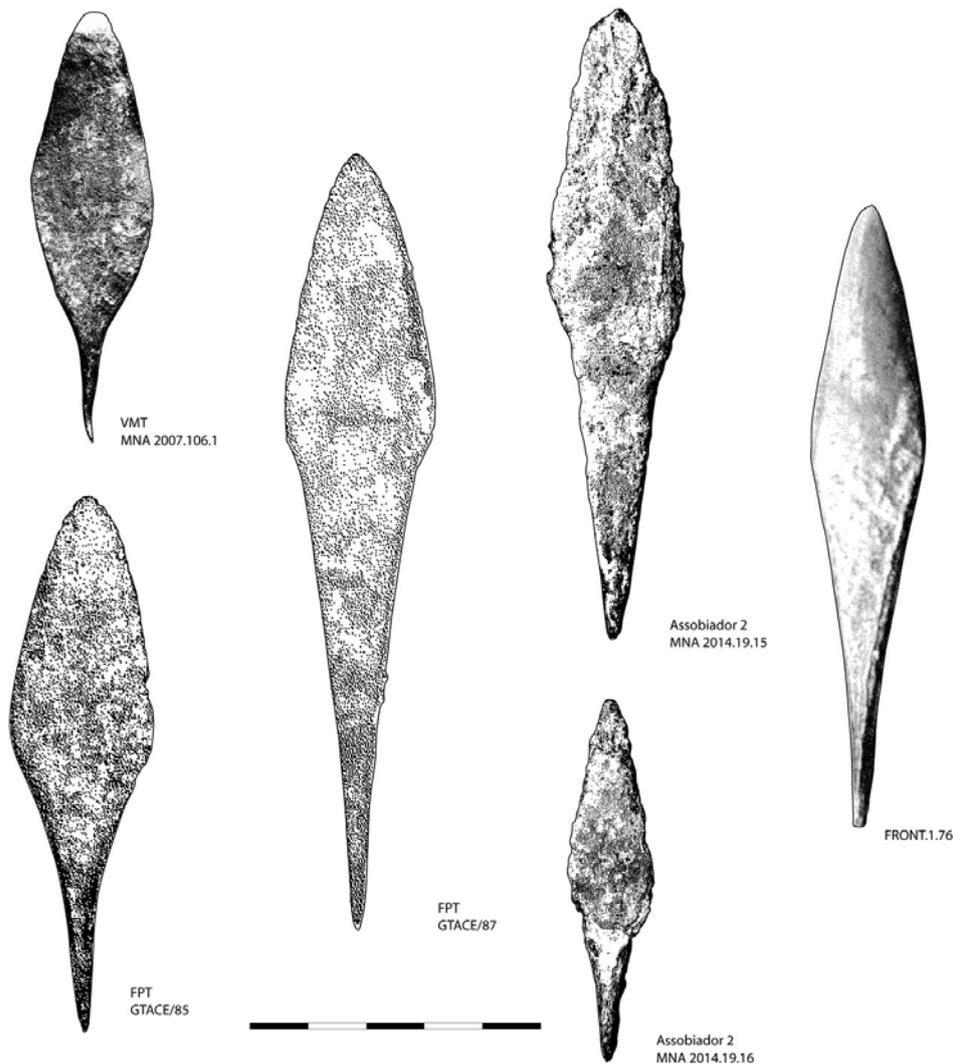


Fig. 23 – Exemplos de pontas metálicas do Calcolítico Final e Bronze Inicial recolhidas na área em estudo: à esquerda, pontas de tipo *Palmela* típicas de Cabeça de Vaiamonte (MNA 2007.106.1, desenhado a partir de fotografia de Teresa Pereira) e possivelmente de Torre do Ervedal 3 (FPT GTACE/85); ao centro, variantes de pontas de tipo *Palmela* (tardias) possivelmente de Torre do Ervedal 3 (FPT GTACE/87) e de Assobiador (MNA 2014.19.15 e 16); à direita, ponta losangular de monumento desconhecido da área de Fronteira (MMB FRONT.1.76).

Palmela (Boaventura, 2001; Fabião, 1996; Mataloto, 2006; Pereira, 2013).

Para a segunda etapa cronológica, para além de alguns poucos casos de sítios mal caracterizados (por se referirem especificamente a escassos elementos recolhidos à superfície e a achados isolados ou sem contexto), será de referir a ocupação do Bronze Inicial/Pleno reconhecida sob a *pars rustica* da villa romana de São Pedro (informação pessoal de André Carneiro).

Assim, debater a reutilização do monumento de Assobiador 2 é voltar à velha questão da definição precisa do designado «Horizonte da Ferradeira» definido por H. Schubart (1971a) e dos diagramas crono-culturais da transição Calcolítico/Idade do Bronze, problemática

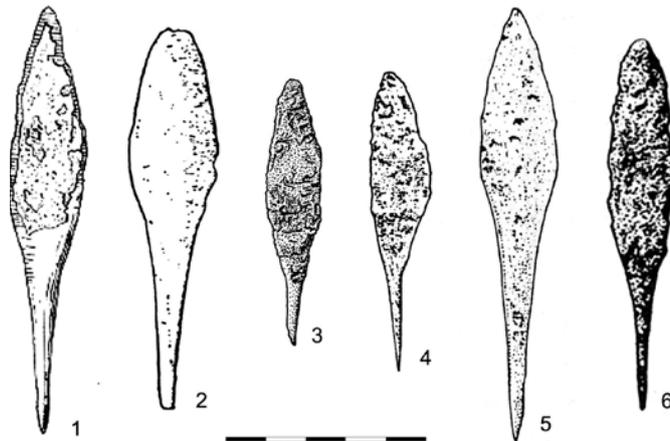
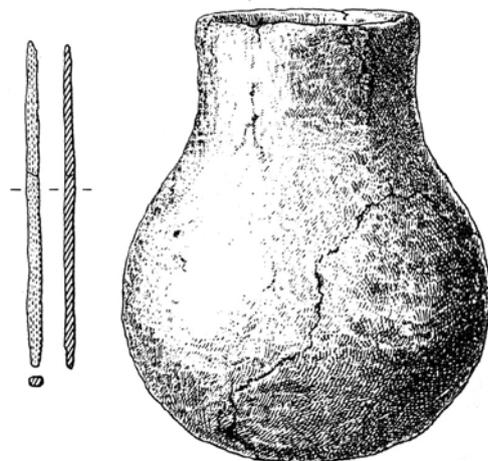


Fig. 24 – Exemplos de pontas de tipo *Palmela* tardias recolhidas em contextos funerários do sudoeste peninsular. 1: Prado de Lacara (adaptado de Almagro, 1959, p. 27, fig. 6); 2: Monte do Outeiro (adaptado de Schubart, 1965b, Abb. 5); 3: Malhão (adaptado de Cardoso & Gradim, 2010, p. 66, fig. 14); 4–5: Prado de la Nava (adaptado de Benet & alii, 1997, p. 452, fig. 3); 6: El Tardón (adaptado de Fernández, 1997, p. 375, fig 4).

recentemente debatida por diversos autores (Mataloto, 2006; Cardoso & Gradim, 2010; Mataloto & alii, 2013, 2015; Valera, 2014).

De acordo com a literatura disponível, as pontas do género das recolhidas em Assobiador 2 são consideradas como pontas de tipo *Palmela* (veja-se, por exemplo, Soares, 2003, a respeito

Fig. 25 – Estilete de cobre e vaso bojudo recolhidos na Anta de Cabeço do Considreiro 1 (adaptado de Leisner & Leisner, 1959, Taf. 20).



da ponta de Casal do Pardo; Mataloto, 2006, a respeito precisamente das pontas de Assobiador; Cardoso, 2013, a respeito da ponta de Ponte da Laje; Cardoso & Gradim, 2010, a respeito da ponta da Anta do Malhão; Valera, 2014, a respeito da ponta de Bela Vista 5). No entanto, distinguem-se claramente das típicas pontas de *tipo Palmela* por não apresentarem a característica folha ovalada e o estrangulamento claro na transição da folha para o pedúnculo curto, apresentando folha de feição sensivelmente triangular e pedúnculo alongado, aproximando-se das pontas losangulares de inícios da Idade do Bronze.

Contudo, e tendo em conta alguns exemplos conhecidos, estas pontas incluem-se em conjuntos de clara filiação campaniforme, podendo ser assumidas como uma variante das pontas de *tipo Palmela* típicas, antevendo já a morfologia das pontas da Idade do Bronze.

Assim, pontas morfologicamente semelhantes às da Anta de Assobiador surgem, por exemplo: na Anta de Prado de Lacara, associada a uma ponta de *tipo Palmela* típica e cerâmica campaniforme com decoração incisa (Almagro, 1959); na Anta do Malhão, associada a um grande punhal de cobre, um vaso de ombro e uma taça em calote lisa (Cardoso & Gradim, 2010); na sepultura de tipo misto de El Tardón, associada a campaniforme inciso de estilo Ciempozuelos, taças em calote lisas, machado de cobre de gume arqueado, pequeno punhal de lingueta, estiletos de cobre e um braçal de arqueiro (Fernández & alii, 1997); na Anta de Prado de la Nava, acompanhando uma inumação bem individualizada no tramo inicial do Corredor, associada a cerâmica campaniforme lisa (vaso acampanado, caçoila e taça esferoi-

dal alta) e a uma ponta de *tipo Palmela* semelhante às de Torre do Ervedal 3 (Benet & alii, 1997); no *tholos* de Monte do Outeiro, associada a estilete de cobre, vasos acampanados lisos, vasos de ombro lisos e vasos troncocónicos (Schubart, 1965a, 1965b, 1971a); na Sepultura 2 do nível superior da Anta de Pedra Branca, associada a campaniforme inciso (taças e vasos), campaniforme liso e um braçal de arqueiro (Ferreira & alii, 1975; a ponta é referida como sendo um punhal de lingueta esguia em Harrison, 1977); no enterramento em fossa de Bela Vista 5, associada a cerâmica lisa (caçoila, vaso bojudo, vaso troncocónico) e estilete de cobre (Valera, 2014). Estão igualmente presentes na Sepultura 1 de Barranco da Fraga e na Anta de Batepé 2 (coleções inéditas de Manuel Heleno, cf. Rocha, 2005).

Este tipo de pontas está assim claramente associado a tipos campaniformes tardios, circunstância particularmente evidente no conjunto de Bela Vista 5, tendo em especial atenção a datação obtida para o enterramento da Fossa 1 – UE 2003, sobre costela humana (Beta-330091: 3740 ± 30 BP, fornecendo o intervalo 2270–2040 cal BC 2σ , segundo Valera, 2014, p. 33, Tabela 1), ratificado pelo conjunto coevo de Valle de Higuera (Bueno & alii, 2005). Da mesma maneira, as datações obtidas para a gruta da Ponte da Laje corroboram o enquadramento cronológico proposto para estas pontas (Wk-25164: 3846 ± 30 BP e Wk-34424: 3833 ± 26 BP, fornecendo respetivamente os intervalos 2460–2210 cal BC 2σ e 2331–2200 cal BC 2σ , segundo Cardoso, 2013, p. 600).

Também a recolha de estiletos de cobre em conjuntos funerários de finais do III milénio a.n.e. está bem atestada no contexto arqueográfico do sudoeste peninsular, sendo de destacar a sua identificação particular no interior de recipientes cerâmicos, como no caso de Cabeço do Considreiro 1 (recolhido dentro de um vaso bojudo lembrando os recipientes de *tipo garrafa* campaniformes, segundo Correia, 1921, p. 37; Leisner & Leisner, 1959, p. 108) e igualmente em Bela Vista 5 (recolhido dentro de uma caçoila campaniforme lisa, segundo Valera, 2014, p. 43).

Da mesma maneira, o teor de arsénio das peças de Assobiador 2 (2,70% em MNA 2014.19.15 e 5,60% em MNA 2014.19.60, somando-se igualmente nesta última 0,01% de

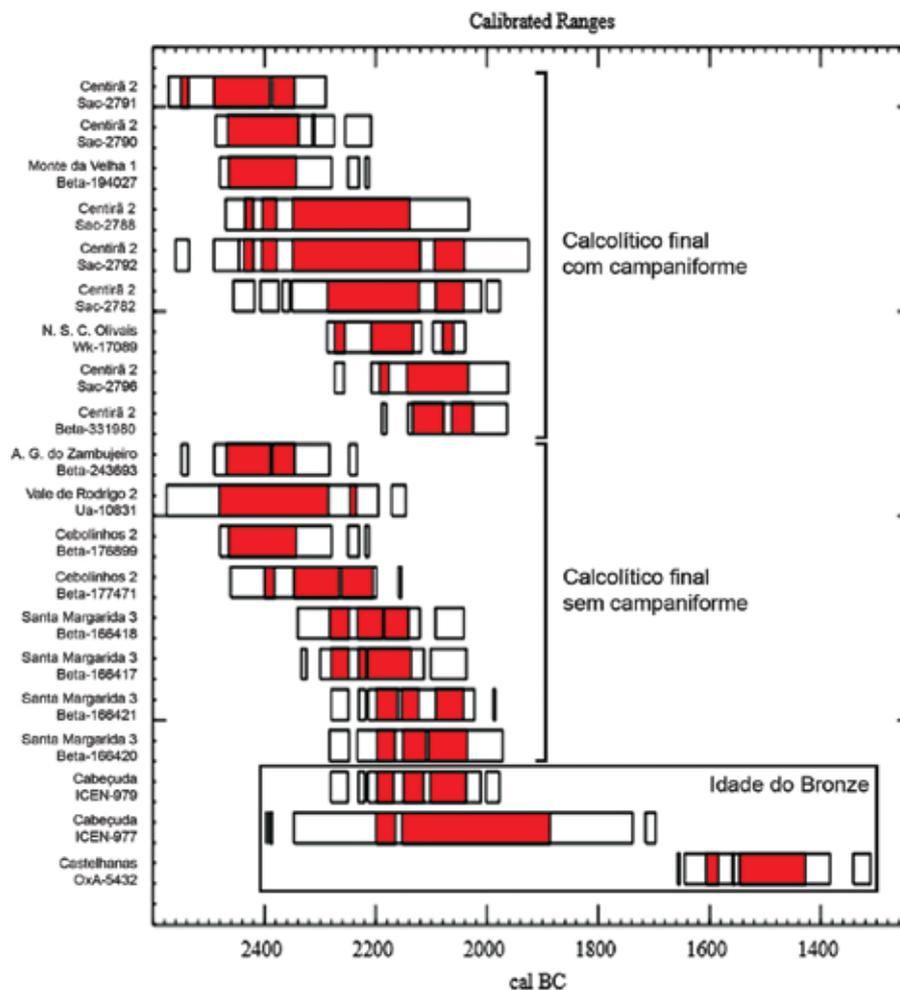


Fig. 26 – Datações ¹⁴C para monumentos alentejanos (antas e *tholos*) com reutilizações do Calcolítico Final (datações compiladas em Mataloto & *alii*, 2013) e Idade do Bronze (datações de Cabeçuda e Castelhanas, segundo Oliveira, 1998), indicando-se a cronocultura genérica em que se incluem (com base no espólio associado). Datações recalibradas em 2015 com recurso ao programa Calib 7.0.1 (© M. Stuiver & P. J. Reimer, 2013), utilizando a curva IntCal13.14c (Reimer & *alii*, 2013, Radiocarbon 55:4). Intervalo 2σ com 95,4% de probabilidade.

estanho, segundo Junghans & *alii*, 1960, 1968) é semelhante ao conhecido para outras peças morfológica e cronologicamente similares, ao aceitarmos a atribuição ao Calcolítico Final destes exemplares (cf. Rovira & *alii*, 1992; Cardoso, 2013; Valera, 2014). No entanto, poderemos dizer que também não se afastam muito dos seus congéneres da primeira metade do II milénio a.n.e. (cf. Rovira & *alii*, 1992).

Poderão assim ser consideradas não pontas de *tipo Palmela* típicas, mas como pontas de *tipo Palmela* de estilo tardio, assumidas já como prenúncio das pontas foliáceas de pedúnculo alongado do Bronze Inicial e Pleno (Kaiser, 2003). Denota-se assim, pelo menos a nível teórico, uma certa continuidade cultural entre os últimos séculos do III e os primeiros do II milénio a.n.e., resultado evidente da destruturação do povoamento calcolítico pleno. Esta continuidade cultural é evidente

pela prevalência, nesta área regional, dos pratos (mesmo tendo em conta as óbvias evoluções estilísticas, como a crescente perda de representatividade do espessamento dos bordos), a par com o surgimento de novas formas cerâmicas, como as pequenas taças de carena vincada e paredes exvasadas ou os vasos troncocónicos altos com ou sem pegas mamilares sobre o bordo.

Malgradadamente, o carácter «discreto» do povoamento do Bronze Inicial e Pleno nesta área regional (já referido acima), reconhecido por pouco mais que algumas reutilizações de monumentos megalíticos, torna problemático o esclarecimento desta questão.

Seja como for, os patamares de utilização dos monumentos megalíticos do sudoeste peninsular encontram-se bem balizados em termos cronológicos, dispendo-se já de um conjunto relativamente expressivo de datações absolutas que permitem seriar estes

mesmos patamares em termos crono-culturais (cf. Boaventura & Mataloto, 2013). Especificamente as datações para reutilizações de monumentos, com e sem campaniforme, e principalmente aqueles localizados na área alentejana, colocam estes episódios entre meados do III milénio e inícios do II milénio a.n.e., denotando-se uma clara sequência cultural entre o Calcolítico Final e a Idade do Bronze (Mataloto & *alii*, 2013), podendo o designado «Horizonte da Ferradeira» ser precisamente assumido, mesmo que a nível teórico, como um episódio difuso de transição, evoluindo para utilizações coevas com a cronologia de contextos funerários típicos do Bronze Pleno (Mataloto & *alii*, 2013), representados pelos horizontes de Atalaia e Santa Vitória (Schubart, 1965c, 1975).

Com efeito, estabelecendo que esta mesma transição começaria a desenvolver-se no último quartel do III milénio a.n.e., registam-se (e no que à reutilização de monumentos megalíticos diz respeito) novas conceções de encarar a morte. A «individualização» patente nos enterramentos campaniformes (e que culminará nos monumentos cistóides típicos do Bronze do Sudoeste) reflete-se igualmente nas práticas funerárias perpetradas em monumentos megalíticos, sendo exemplos a utilização do Corredor de Casas do Canal 1 (como se de uma cista se tratasse) para inumação individual com campaniforme (Leisner & Leisner, 1955) e a compartimentação do espaço da Câmara de Pedra Branca para dois enterramentos individuais também campaniformes (Ferreira & *alii*, 1975), antecedendo justamente as práticas funerárias da Idade do Bronze.

Se para monumentos de falsa cúpula poderemos propor uma certa continuidade «cultural» (e apesar da aparente destruturação das dinâmicas do povoamento calcolítico acima mencionadas), tendo como exemplos paradigmáticos os monumentos de Olival da Pega 2 (Gonçalves, 1999), Centirã 2 (Henriques & *alii*, 2013), Monte da Velha 1 (Soares, 2008), Monte Velho (Viana & *alii*, 1961), Monte do Outeiro (Schubart, 1965a, 1965b),

Lousal 1 (Leisner & Leisner, 1959), Monte das Pereiras (Serralheiro & Andrade, 1961) ou Colada de Monte Nuevo (Schubart, 1971b, 1973), para as antas propriamente ditas a explicação não poderá ser tão linear, dado o claro desfasamento cronológico entre as últimas construções ortostáticas (com um *terminus* provável no primeiro quartel do III milénio a.n.e.) e estas reutilizações tardias (já da segunda metade do III milénio, ou até mesmo da primeira metade do II milénio a.n.e.).

Volta-se assim à questão já abordada noutros estudos sobre os significados da reutilização de monumentos megalíticos (Kalb, 1994; García, 2000, 2005; Mataloto, 2005, 2006, 2007; Mataloto & *alii*, 2015; Tejedor, 2008, 2013): tratar-se-á apenas de «parasitagem» (utilizando uma estrutura prévia já «disponível») ou será reflexo de continuidade simbólica, com o reconhecimento e reinterpretção de espaços de carácter emblemático?

No estado atual dos conhecimentos, qualquer hipótese é válida. Contudo, não poderá deixar de ser reforçada a persistência axiomática do carácter «sagrado» dos monumentos megalíticos, independentemente das óbvias transmutações sociais, culturais e ideológicas registadas a partir da segunda metade do III milénio a.n.e. A projeção temporal do carácter simbólico do Megalitismo repercute-se na manutenção de uma certa dimensão intergrupala (ou social) diacrónica, baseando-se na própria definição da sacralidade «ancestral» dos espaços megalíticos (García, 2000). Assim, a sua possível recuperação simbólica e sua reinserção nas paisagens socioculturais permite que sejam precisamente assumidos como «lugares de memória e identidade» perpetuados (Mataloto, 2007; Mataloto & *alii*, 2015)...

Espera-se assim que os dados aqui apresentados contribuam para este debate, auxiliando igualmente no preenchimento das lacunas registadas no conhecimento dos esquemas de transição Calcolítico/Idade do Bronze na área alto-alentejana.

Lisboa, outono de 2015

Bibliografia citada

- ALMAGRO, Martín (1959) – *Excavaciones en el sepulcro de corredor megalítico de Lácara, Mérida (Badajoz)*. Badajoz: Diputación Provincial.
- ANDRADE, Marco António (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Polycopiado.
- ANDRADE, Marco António (2011) – Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particulares não estão disponíveis) a respeito das “necrópoles megalíticas” do concelho de Fronteira. In CARNEIRO, André; OLIVEIRA, Jorge; ROCHA, Leonor; MORGADO, Paula, eds. – *Arqueologia do Norte alentejano. Comunicações das 3.ªs Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri; Fronteira: Câmara Municipal, pp. 63–82.
- ANDRADE, Marco António (2013a) – Em torno ao conceito de necrópole megalítica na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): monumentos, espaços, paisagens e territórios. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 417–426.
- ANDRADE, Marco António (2013b) – As placas de xisto gravadas da Anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5.ª série. 3, pp. 177–201.
- ANDRADE, Marco António (2014) – Sobre os conjuntos de artefactos de pedra polida das áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal). *Al-Madan – Adenda Electrónica*. Almada. 19:1, pp. 92–104.
- BENET JORDANA, Nicolás; PÉREZ MARTÍN, Rosario; SANTONJA GÓMEZ, Manuel (1997) – Evidencias campaniformes en el valle medio del Tormes. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. – *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 449–470.
- BOAVENTURA, Rui (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 81–101.
- BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui; NUKUSHINA, Diana; ANDRADE, Marco António (no prelo) – A Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz).
- BUBNER, Thomas (1979) – Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa. 8, pp. 139–151.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62:2, pp. 67–90.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2007–2008) – Campaniforme en las construcciones hipogeas del Megalitismo reciente al interior de la Península Ibérica. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 24–25, pp. 771–790.
- CARDOSO, João Luís (2013) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 589–604.
- CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2010) – A Anta do Malhão (Alcoutim) e o “Horizonte da Ferradeira”. *Xelb. Silves*. 10, pp. 55–72.
- CARDOSO, João Luís; NORTON, José (2004) – As caçoilas campaniformes da Anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 129–136.
- CORREIA, Vergílio (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- FABIÃO, Carlos (1996) – O povoado fortificado de Cabeça de Vaia Monte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova série. 11, pp. 35–84.
- FERNÁNDEZ RUIZ, Juan; MARQUÉS MERELO, Ignacio; FERRER PALMA, José E.; BALDOMERO NAVARRO, Ana (1997) – Los enterramientos colectivos de El Tardón (Antequera, Málaga). In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. – *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 371–380.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; ZBYSZEWSKI, Georges; LEITÃO, Manuel; NORTH, C. T.; SOUSA, H. Reynolds (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès Montum, Melides. *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 59, pp. 107–192.
- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (2000) – Grandes piedras, paisajes sagrados. *PH – Boletín del Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico*. Sevilla. 31, pp. 171–178.
- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (2005) – Las piedras de la memoria. La permanencia del Megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milenios ANE. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62:1, pp. 85–109.

- GONÇALVES, Victor S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, Victor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, Victor S. (2003a) – *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2003b) – A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 143–166.
- GONÇALVES, Victor S.; ANDRADE, Marco António (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2: Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, pp. 61–94.
- HARRISON, Richard J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, MA: Peabody Museum, Harvard University.
- HENRIQUES, Fernando J. Robles; SOARES, António Monge; ANTÓNIO, Telmo F. Alves; CURATE, Francisco; VALÉRIO, Pedro; ROSA, Sérgio Peleja (2013) – O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa): construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*: Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 319–355.
- JUNGHANS, Siegfried; SANGMEISTER, Edward; SCHRÖDER, Manfred (1960) – *Metallanalysen Kuperzeitlicher und Frühbronzezeitlicher Bodenfunde aus Europa*. Berlin: Gebr. Mann.
- JUNGHANS, Siegfried; SANGMEISTER, Edward; SCHRÖDER, Manfred (1968) – *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas*. Berlin: Gebr. Mann.
- KAISER, José María (2003) – Puntas de flecha de la Edad del Bronce en la Península Ibérica: producción, circulación y cronología. *Complutum*. Madrid. 14, pp. 73–106.
- KALB, Philine (1994) – Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 415–426.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1955) – *Antas nas herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança; Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, 1:2, der Westen*. Berlin: De Gruyter.
- MATALOTO, Rui (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 115–128.
- MATALOTO, Rui (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 83–108.
- MATALOTO, Rui (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 123–140.
- MATALOTO, Rui; MARTINS, José M. Matos; SOARES, António Monge (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados e tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 303–338.
- MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui; NUKUSHINA, Diana; VALÉRIO, Pedro; INVERNO, José; SOARES, Rui Monge; RODRIGUES, Micael; BEIJA, Francisca (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 55–79.
- MATALOTO, Rui; ROCHA, Leonor (2007) – O monumento do Caladinho (Redondo, Évora): estudo preliminar de um monumento megalítico no Redondo. *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série. 2, pp. 107–116.
- NETO, Maria Cristina Santos (1976–1977) – Notícias inéditas sobre dolmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 99–107.
- OLIVEIRA, Jorge (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri.
- PEREIRA, Teresa Rita (2013) – As armas na romanização: o exemplo de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*: Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 1327–1360.
- PINA, Henrique Leonor (1971) – A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71, pp. 13–26.
- RIBEIRO, Ana Cristina (2014) – Apontamentos sobre o Megalitismo funerário no concelho de Avis. *Al-Madan online – Adenda electrónica*. Almada. 18:2, pp. 75–88.
- ROCHA, Leonor (2005) – *Estudo do Megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.

- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2015) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Paiva, Mora). In GONÇALVES, Victor S.; DINIZ, Mariana; SOUSA, Ana Catarina, eds. - 5.º Congresso do Neolítico Peninsular. *Actas*. Lisboa: UNIARQ, pp. 557–563.
- ROVIRA LLORENS, Salvador; MONTERO RUIZ, Ignacio; CONSUEGRA RODRÍGUEZ, Susana (1992) – Archaeometallurgical study of Palmela arrow heads and other related types. In ANTONACCI SANPAOLO, Elena, ed. – *Archeometallurgia ricerche e prospettive. Atti del Colloquio Internazionale di Archeometallurgia, Bologna, Dozza Imolese, 18–21 ottobre 1988*. Bologna: Editrice CLUEB, pp. 269–289.
- SERRALHEIRO, António Simões Correia; ANDRADE, Ruy Freire (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 45, pp. 503–512.
- SCHUBART, Hermanfrid (1965a) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75:1–4, pp. 195–204.
- SCHUBART, Hermanfrid (1965b) – Zwei Belegungsphasen im Kuppelgrab von Monte do Outeiro bei Aljustrel in Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 6, pp. 65–73.
- SCHUBART, Hermanfrid (1965c) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, pp. 7–124.
- SCHUBART, Hermanfrid (1971a) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81:3–4, pp. 189–215.
- SCHUBART, Hermanfrid (1971b) – Tumbas megalíticas com enterramientos secundários de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. In *XII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos, pp. 175–190.
- SCHUBART, Hermanfrid (1973) – Tholos-Bauten von Colada de Monte Nuevo bei Olivenza. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 14, pp. 11–42.
- SCHUBART, Hermanfrid (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SERRAS, Martinha; CARNEIRO, André (2011) – Entre o centro e a periferia: a relação epistolar de J. Leite de Vasconcellos e Manuel Mattos Silva. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5.ª série. 1, pp. 267–300.
- SILVA, Manuel de Mattos (1895a) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis. “Anta Grande” da Ordem. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, pp. 120–125.
- SILVA, Manuel de Mattos (1895b) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis. 2: Anta da herdade da Capella. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, pp. 214–216.
- SILVA, Manuel de Mattos (1896) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis. 3: Anta da herdade do Assobiador. *O Archeologo Português*. Lisboa. 2, pp. 239–240.
- SOARES, António Monge (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 33–51.
- SOARES, Joaquina (2003) – *Os hipogeuos pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do sagrado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, Cristina (2008) – El monumento en el tiempo: planteamiento teórico y metodológico para el análisis de las reutilizaciones megalíticas. In *Actas de las I Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica: Dialogando con la Cultura*. 2. Madrid: Compañía Española de Reprografía y Servicios, pp. 441–448.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, Cristina (2013) – La pervivencia de los «usos megalíticos» en el Valle del Duero a lo largo de la Prehistoria Reciente (III-II milenio a.C.). Una aproximación al estudio en la región del Alto Douro. In SASTRE BLANCO, José Carlos; CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia, eds. – *Arqueología en el Valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas*. Madrid: Ediciones de la Ergástula, pp. 33–40.
- VALERA, António Carlos (2014) – *Bela Vista 5: um recinto do final do 3.º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Lisboa: NIA – Núcleo de Investigação Arqueológica.
- VALERA, António Carlos; REBUGE, João (2011) – O campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço. In CARNEIRO, André; OLIVEIRA, Jorge; ROCHA, Leonor; MORGADO, Paula, eds. – *Arqueologia do Norte alentejano: comunicações das 3.ªs Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri; Fronteira: Câmara Municipal, pp. 111–121.
- VASCONCELLOS, José Leite (1908) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. VII: objectos de cobre em dolmens do concelho de Avis. *O Archeologo Português*. Lisboa. 13:7–12, pp. 312–313.
- VASCONCELLOS, José Leite (1910) – Chronica: excursão archeológica, excavação, aquisições. *O Archeologo Português*. Lisboa. 15:1–2, pp. 247–252.
- VIANA, Abel; ANDRADE, Ruy Freire; FERREIRA, Octávio da Veiga (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 483–492.